

Chima, o gato gaúcho

Porto Alegre desperta devagar. Do telhado onde passo as noites, vejo a névoa subir do Guaíba, abraçando as ruas ainda sonolentas. O cheiro de terra molhada mistura-se ao aroma doce do pão de assa nas padarias. Desço pelas telhas e caminho pela calçada fria, sentindo o ar úmido do amanhecer.

A cidade tem muitos rostos. Na Redenção, vejo figueiras centenárias estendendo seus galhos como braços, abrigando feiras e risos. Vejo diversas famílias buscando uma árvore de boa sombra para se esconderem do sol que aquece o asfalto, e quando acham a árvore premiada com a melhor sombra, ficam horas debaixo dela rindo e tomando uma bebida típica que esses humanos amam: o chimarrão – que, a propósito, foi a inspiração para meu nome, Chima.

No Mercado Público, aromas de peixe fresco e ervas dançam no ar, enquanto vozes se misturam como um coro antigo. O vento que sopra no Parque Marinha traz histórias do rio, e as gaivotas disputam migalhas com os pombos, indiferentes ao movimento humano.

No outono, plátanos douram as ruas, cobrindo o chão como um tapete quente para minhas patas. No verão, sinto o calor subir do asfalto, mas encontro sombra nos jardins escondidos atrás de portões antigos. No inverno, me aqueço nos bancos ensolarados da Praça da Matriz, ouvindo a cidade respirar em passos lentos.

Mas a natureza daqui não vive só nas árvores ou nas águas. Ela mora no gesto de quem deixa um pote de água na calçada nos dias de calor. Está no menino que planta girassóis no canteiro abandonado. Está na senhora que conversa com as flores da janela e no homem que divide seu almoço com um cão de rua.

Nem todos são assim. Já vi olhos duros que ignoram a vida ao redor, mãos que empurram, passos que não desviam. Já vi também festas que enchem a orla de música, casais que se abraçam no Gasômetro como se fosse o último pôr do sol do mundo, crianças correndo entre pipas e gaivotas.

Quando a noite cai, Porto Alegre se enche de luzes, refletindo no Guaíba como um céu invertido. E, observando daqui de cima, percebo como vocês, humanos, são criaturas curiosas: correm e param, amam e ignoram, cuidam e machucam – às vezes tudo no mesmo dia. Para um gato como eu, é engraçado ver como se acham diferentes, mas, no fundo, fazem parte da mesma natureza desta cidade.

Emilly Ribeiro Borges Grandino
Colégio Universário, 2ª série
Gênero: narrativa ficcional

Comentário da banca: O texto encanta pela originalidade do narrador felino, que oferece um olhar sensível e curioso sobre Porto Alegre. A escrita é rica em imagens sensoriais, transportando o leitor pelos cheiros, sons e cores da cidade. Destaca-se ainda o equilíbrio entre crítica e ternura, mostrando tanto a indiferença quanto os gestos de cuidado humano. O desfecho amplia, de maneira muito bonita, a reflexão com suavidade, reforçando a ideia de pertencimento à mesma natureza.